

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
VERA FREITAS**

**DOCUMENTÁRIO:
OUTRO OLHAR**

Trabalho para a disciplina Técnicas de Projeto TCC, da Professora Aglair Bernardo, do curso de Cinema do Departamento de Artes do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina, sob a orientação do Professor Doutor Alfredo Manevy.

Florianópolis 2018

RESUMO

Este trabalho é o projeto descritivo de direção e criação do documentário *Outro Olhar*. Refere-se a criação do documentário enfatizar tópicos que foram relevantes, segundo a diretora, durante o tempo que conviveu com acampados no Acampamento Frei Henri em 2010. Trazer um contexto histórico das regiões sul e sudeste do Pará desde a década de 70 e também a atual conjuntura do MST perpassando pelas perspectivas dos personagens remanescentes daquela ocupação e os que a integraram depois. Os conceitos utilizados na elaboração desse projeto aborda temas como sonho, esperança e perseverança.

Outro Olhar mescla ações de lutas, perdas e ganhos, além de procurar envolver o público numa causa extremamente humana, estimulando o contato direto com um mundo para o qual muitas vezes fechamos os nossos olhos. O documentário propõe de forma muito delicada que o público repense o que realmente representa o MST na vida desses personagens e também na sociedade que os cerca.

Neste projeto trago alguns fatos relevantes sobre o trabalho que será desenvolvido, a forma como as cenas serão filmadas e o uso da música como ferramenta de comunicação.

Palavras-chave: MST, movimento sem terra, documentário

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

1. PROPOSTA DA OBRA

1.1 Antecedentes do Projeto

2- JUSTIFICATIVA DO TEMA

2.1- Introduzindo o assunto

2.2- Sopa de letras no conflito

2.3- O MST e sua atual conjuntura

2.4 - A fragmentação do território e o plebiscito

2.4.1 - A fragmentação do território

3- ESTRATÉGIAS DE ABORDAGEM

4 - ESTRUTURA

5- FILMAGEM

6 - PLANILHAS DE ORÇAMENTO FÍSICO-FINANCEIRO

7 - ANEXOS

8 - BIBLIOGRAFIA

INTRODUÇÃO

1- PROPOSTA DA OBRA

O Documentário “Outro Olhar” com cerca de 80 minutos, abordará a dura realidade de trabalhadores rurais sem-terra que vivem no acampamento Frei Henri de Rossiers, suas lutas e resistências na esperança de conseguirem um pedaço de terra. Meu foco principal será trazer um

“Outro Olhar” tanto destes personagens que migram das mais diversas cidades, principalmente das do norte e nordeste do Brasil, como revisitar os aspectos históricos, culturais, sociais, políticos, econômicos e ambientais das regiões sul e sudeste do Estado do Pará contextualizando o espectador diante da conjuntura atual do MST.

Para realizar este documentário farei uso de imagens, por mim filmadas em 2010, e atualmente, decorridos oito anos e assim como também de *found footage*. Terei como pressupostos obrigatórios, narrar uma história sobre a realidade, procurar compreender ao máximo a veracidade e a subjetividade, usando como estratégia, abordagem de aproximação, beneficiada pela minha participação na ocupação do referido acampamento em 2010. Terei como referências os documentários: “*Cabra marcado para morrer*” (1984) de Eduardo Coutinho¹, e “*Esse homem vai morrer - Um Faroeste Caboclo*” (2008) de Emílio Gallo².

1.1- Antecedentes do Projeto

No início do ano de 2010, decidi trancar meu curso de Cinema da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Meu filho já formado pela mesma universidade teve uma boa oportunidade de trabalho na França e eu fiquei sozinha em Florianópolis, haja visto que meu marido e meu filho caçula já moravam em Genebra - Suíça e minha filha mais velha residia no estado do Pará.

¹ Coutinho utiliza neste documentário imagens do filme que originariamente era uma produção de 1964 interrompida pelo Golpe Militar. Retorna 17 anos depois pra retomá-lo, utilizando os mesmos técnicos, locais e personagens reais pra contar sua história.

² Gallo narra a história de crimes publicamente anunciados em duas cidades do sul do Pará, onde duas listas presas em postes revelaram o nome de pessoas marcadas para morrer. A primeira delas circulou na pequena cidade de Rio Maria, entre os anos 80 e 90. Por defender os pequenos agricultores e os sem-terra do Pará, frei Henri foi ameaçado de morte na região de Xinguara (PA), onde residia, pelos fazendeiros locais. Na lista dos “marcados para morrer”, a sua cabeça valia R\$ 100 mil. A da irmã Dorothy Stang, assassinada em 2005, R\$ 50 mil. O motivo não era outro senão a briga pela posse ilegal de terras na Amazônia.

Acometida de uma grave depressão, diagnosticada como “*Síndrome do Ninho Vazio*”, busquei refúgio em minha terra natal, Marabá no sudeste do Pará. Sou filha de lavradores tradicionais e passei parte de minha infância numa Posse de Terra na antiga PA 70, hoje BR 222, que foi demarcada pelo Incra na década de 1970. Esta região pertencia à cidade de Marabá que conviveu com as atrocidades da Guerrilha do Araguaia, fatos estes representados no filme “*Araguaya - A Conspiração do Silêncio*” (2004) de Ronaldo Duque³.

Durante minha convalescência li o livro “*O Massacre - Eldorado do Carajás: uma História de Impunidade*” de Eric Nepomuceno⁴, e após alguns meses, me sentindo restabelecida, tomei conhecimento de reuniões que o MST estava promovendo numa cidade próxima onde ocorreu o massacre.

Sempre despertou minha atenção a tenacidade dos que acampavam nas beiras das rodovias, em condições ínfimas de sobrevivência e correndo inúmeros riscos de vida. Queria conhecê-los, falar com eles, registrar essa experiência nos moldes da investigação-militante que é um dos meios utilizados na pesquisa-ação⁵ ou pesquisa participante *in loco*, conceito trabalhado pelo professor Carlos Rodrigues Brandão da Unicamp - SP.

O acampamento Frei Henri está localizado no município de Curionópolis, sudeste do estado paraense, [...]. O município tem representação na associação de fazendeiros da região. Por isso, ter um acampamento do MST nesse município é uma conquista e um símbolo para o movimento. Essa articulação entre os fazendeiros e os órgãos do estado, a exemplo do INCRA e da polícia, faz com que o conflito seja mais intenso. [...].

³Araguaya - A Conspiração do Silêncio é um longa-metragem de ficção baseado em pesquisa empreendida pelo realizador e roteirista Ronaldo Duque nos acontecimentos da Guerrilha do Araguaia, que aconteceu na década de 1970, no norte do Brasil. Ganador do Prêmio Especial de Gramado de 2004.

⁴ Neste livro, Eric Nepomuceno apresenta a história do massacre de Carajás, uma das mais marcantes matanças da história contemporânea do Brasil, ocorrida em 17 de abril de 1996, quando dezenove trabalhadores rurais foram mortos em Eldorado do Carajás, no Pará.

⁵ No Brasil, a pesquisa participante está indiretamente ligada a processos de ação política e pedagógica, vinculados ao Partido dos Trabalhadores (PT) e ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), em busca da libertação.

O acampamento Frei Henri possui uma escola em que os professores são da própria comunidade. Os acampamentos têm, na sua dinâmica, que lidar com a sua produção individual, as pessoas participam da organicidade interna do acampamento, defendem quando preciso for o acampamento e participam das lutas e das formações fora da sua comunidade.[...] A equipe diz respeito a grupos relacionados às áreas de interesse a exemplo da Produção, Segurança, Saúde, Frente de Massa, Militância, Disciplina, Mulheres e Juventude.[...] Nas vigias soma-se a Segurança e a Disciplina, os grupos formados pelas famílias do acampamento, que passam a noite nas chamadas guaritas (ou guritas). Essa estratégia de vigilância não é apenas por parte do Frei Henri, ela parte de uma necessidade real de defesa, tendo em vista que o acampamento também é monitorado pelos fazendeiros e pistoleiros dentro da própria área. Além da segurança do acampamento e das famílias, a Educação, bem como a Produção, são prioridades e somados a organicidade dos setores e grupos se realiza os trabalhos coletivos. Outro elemento a ser destacado é a Memória. A memória diz respeito a uma experiência vivenciada ou contada e tem por objetivo ser essa referência, um ponto de partida, sem deixar de revelar o conflito e uma história crítica da luta pela terra. Ela se faz presente em todo o acampamento, inclusive no seu próprio nome “Acampamento Frei Henri de Roissiers”, nome do frei francês que atuou como advogado da Comissão Pastoral da terra (CPT) entre os anos 1979 e 2013, no nome da escola Domingos Martins, nas diversas ruas que levam o nome de lutadores do movimento e de pessoas que marcaram o acampamento, a exemplo de Zumbi dos Palmares, Helenira Rezende, Dina Teixeira, Che Guevara, entre outros. Nos espaços culturais do acampamento e na praça que homenageia um dos mais jovens assassinados no Massacre de Eldorado dos Carajás, Oziel Alves Pereira. ((MARTINS e MORENO, p.236 e 237, 2018)

2- JUSTIFICATIVA DO TEMA

Este documentário nasceu da vontade de mostrar as histórias, vivências e expectativas dos personagens remanescentes do início da ocupação do acampamento Frei francês Henri de Roissiers do qual fiz parte em 2010, e quis trazer o contexto histórico das regiões Sul e Sudeste do Pará e também a atual conjuntura do MST.

2.1- Introduzindo o assunto

O Estado do Pará possui uma área de 1.247.954 km² sendo o 2º maior estado do Brasil. Sua extensão lhe permitiria ser o 22º maior país do mundo em área. Oficialmente, ele está dividido em 6 mesorregiões⁶ e 22 microrregiões⁷.

Nas regiões sul e sudeste paraenses temos grandes concentrações de terras, onde estão o agronegócio, as hidrelétricas e a mineração que são projetos hegemônicos, e que disputam com o campesinato⁸ o seu usufruto, pois este faz a contra-hegemonia.

2.2- Sopa de letras no conflito

Desde de 1975, a CPT denuncia os conflitos que envolvem os trabalhadores do campo e também a violência por eles sofrida. Ela mantém em seu site cptnacional.org.br, registros dos massacres no campo desde os anos de 1985.

O mais recente massacre, em 25 de Maio de 2017, ocorreu na Fazenda Santa Lúcia, no acampamento Nova Vida, município de Pau D'Arco, onde 10 trabalhadores rurais foram mortos em uma ação da Polícia Militar (PM) e da Polícia Civil do Estado do Pará.

A perícia constatou que estes trabalhadores foram mortos deitados. O assassinato da Irmã Dorothy Stang em Anapu-PA em 2005, e de outras dezenas de posseiros e militantes, são uma constante de impunidades e omissões dos órgãos (in)competentes.

O sul e sudeste do Pará são regiões de intensos conflitos de terras, marcadas por massacres de camponeses, mas também por um grande número de assentamentos e

⁶As seis mesorregiões do estado do Pará: Baixo Amazonas, Marajó, Metropolitana de Belém, Nordeste Paraense, Sudeste Paraense e Sudoeste Paraense.

⁷O Pará é dividido oficialmente em vinte e duas microrregiões: Almeirim, Altamira, Arari, Belém, Bragançinha, Cametá, Castanhal, Conceição do Araguaia, Furos de Breves, Guamá, Itaituba, Marabá, Óbidos, Paragominas, Parauapebas, Portel, Redenção, Salgado, Santarém, São Félix do Xingu, Tomé-Açu e Tucuruí.

⁸O campesinato é compreendido como um conjunto de sujeitos, agricultores, indígenas, quilombolas e de populações tradicionais, que têm na terra uma fonte de reprodução material e imaterial.

acampamentos que representam esse processo de luta pela terra. A luta pela terra nessas regiões, envolvem disputas entre trabalhadores rurais e fazendeiros. Essa luta expressa pelas ocupações, são estratégias de resistência. [...] A concentração de terras para o latifúndio na região, ocorre na maioria das vezes por apropriação ilegal. São terras griladas, a exemplo da fazenda Fazendinha, área do acampamento Frei Henri. São áreas de conflito armado. Segundo José Batista Gonçalves Afonso, advogado da Comissão Pastoral da Terra (CPT) de Marabá-PA, essa região está em permanente disputa e é a região onde existem mais fazendeiros organizados e preparados para ações criminosas a fim de defender seus interesses. [...] Ele ainda nos diz que há uma articulação entre fazendeiros e/ou pistoleiros que é apoiada por órgãos do estado. A exemplo das desapropriações, quem participa do processo é o INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) e em alguns casos, o poder legislativo e o Ministério Público (MP). O MP não investiga se as áreas dos fazendeiros são frutos de ocupação ilegal, o que colabora para que a articulação ocorra. Os órgãos policiais também são coniventes, tendo em vista que a Delegacia de Conflitos Agrários (DECA) não investiga e nem denuncia as ações criminosas dos fazendeiros na região que acontecem contra os camponeses.

(MARTINS e MORENO, p.238 a 242, 2018)

2.3- O MST e sua atual conjuntura

As ações que o MST faz em nível nacional são bem diferentes de região pra região. O MST já não é mais um movimento jovem-amador. Foi criado oficialmente em 1984 num encontro em Cascavel-PR e mudou bastante de lá pra cá. Primeiro a capilaridade, ele sai do Sul onde trabalhava com famílias tradicionais descendentes de imigrantes que tinham uma outra relação com a terra e se espalhando, começou a criar uma identidade por onde vem passando.

As similaridades das regiões sul e sudeste paraense são principalmente com o Pontal de Paranapanema, Sudeste do Brasil, já que por lá a questão foi muito sobre a grilagem, parecido

com o que temos na Amazônia, “terras griladas”⁹. No território paraense, mais de 60% das terras são federalizadas.

O MST é muito díspare do Sul e Sudeste do Brasil e Amazônia, porque na região onde está, ele adere muito as estratégias e as lutas locais, se adequando a cada local. As regiões sul e sudeste paraense são muito marcadas pela exploração mineral, e pelo conflito com grandes mineradoras, garimpeiros e sem-terras. Só não temos quilombolas, porque os quilombos estão em áreas mais antigas de colonização, perto de grandes rios.

No Pará, os primeiros militantes vieram do estado do Maranhão. Nas regiões mencionadas, as cidades são de beira de estrada ou nascem pra ser “company town”, como no caso de Carajás. Segundo o Jornal A Pátria,

“ O MST é o maior produtor de arroz orgânico do país e referência em mobilizações populares e resolveu prestar apoio aos caminhoneiros em greve em maio de 2018. Os caminhoneiros encamparam uma paralisação contra os sucessivos aumentos no preço do combustível impostos pelo governo Temer. O gesto de solidariedade do movimento, acostumado com marchas em estradas e grandes mobilizações, vem independente da opinião dos caminhoneiros com relação ao próprio MST, haja vista que entre os grevistas há as mais variadas opiniões políticas, até mesmo aquelas que dão conta de apoiar uma intervenção militar, hipótese que é totalmente rechaçada pelos sem-terra”

(Jornal A Pátria, matéria publicada em 26/05/2018)

Além das razões humanitárias, o MST faz ações como esta também para desvincular sua imagem de “gente que invade” e da sua fama de truculência. O que serve para desmistificar essa visão negativa, principalmente porque as grandes mídias burguesas, jornais e TVs (Globo, Record, SBT, Band e etc.) omitem as ações positivas do movimento.

O MST avançou e está mais maduro enquanto movimento. No sul do Pará, o MST está numa conjuntura interessante porque ele está se vinculando a Via Campesina à nível

⁹ O termo **grilagem** vem da descrição de uma prática antiga de envelhecer documentos forjados para conseguir a posse de determinada área de **terra**. Os papéis falsificados eram colocados em uma caixa com grilos. Com o passar do tempo, a ação dos insetos dava aos documentos uma aparência envelhecida.

internacional e, ao mesmo tempo, em lutas locais como com o Movimento dos Atingidos pela Mineração (MAM), tendo participado de um Encontro Nacional ocorrido no mesmo mês de maio de 2018.

É o MST se capilarizando em outros movimentos, além da luta por terra, como por exemplo, Juventude, Mulher, Negros, Gays e o próprio MAM. Este último por sinal, vai mais além, pois consegue captar vários setores insatisfeitos, porém com pauta específica, trabalha com território que sofre impacto da mineração.

O livro “*A Questão Mineral no Brasil Vol.1: Projeto Grande Carajás – Trinta Anos de Desenvolvimento Frustrado*”¹⁰ do sociólogo Tádzio Peters Coelho, nos contextualiza neste engodo. O MST busca se massificar, justamente aderindo e trazendo esses outros movimentos para dentro do seu leque de possibilidades, só que sob sua direção.

Eles possuem um método que chega a ser militar em alguns momentos, com cursos de formação intensivo para militâncias dos movimentos, dentre elas o já citado MAM, na Escola Florestan Fernandes no interior de São Paulo, que MST diz ser uma articulação que foi o resultado de outras. E o MAM, nesse caso, também vem bem dentro dessa linha, seria a articulação dentro de várias articulações, e o MST é uma das mais importantes pelo material que divulga, os métodos e os cursos.

Nas apresentações do Encontro de maio, a geógrafa e professora Heloísa Helena Borges Fonseca que conheceu o MST em 1995 e atua na região desde 2006, diz que não há nenhuma dúvida que o MST está vinculado ao MAM, e que o modelo que ele está aderindo é todo do MST, e que já nasceu massificado porque é a soma de vários movimentos.

Inclusive, um dos mais aguerridos militantes do MST do sul e sudeste paraense, Charles Trocate, atualmente se dedica mais ao MAM do que ao seu movimento de origem, que o liberou

¹⁰ O livro “*A Questão Mineral no Brasil Vol.1: Projeto Grande Carajás – Trinta Anos de Desenvolvimento Frustrado*” do sociólogo Tádzio Peters Coelho, apresenta o que simbolizou os 30 anos do projeto Carajás para o país: “as dimensões colossais de Carajás esboçam também a dimensão de sua tragédia social. Carajás simboliza uma grande contradição capitalista: da maior província mineral do mundo brotam, ao mesmo tempo, a exploração do homem e do meio ambiente, e a vertical acumulação de capital feita por empresas mineradoras e pelo capital financeiro.”

para que se articule nacionalmente ao MAM, no intuito de fazer uma relação da questão mineral, mais precisamente sobre os impactos em grandes regiões e municípios mineradores, e em comunidades de assentamentos e de reforma agrária.

2.4 - A fragmentação do território e o plebiscito

Um material produzido pela Vale no início dos anos 2006, chamado “*Laboratório de Diagnóstico*”, dava conta de um estudo feito para implementação de projetos, claro que com os dados da própria Vale. Mas como ela é uma das fontes importantes, que produz muito, até mais do que a própria academia ou órgão estatal pertinente, trouxe mapas excelentes que já mencionava a fragmentação do território.

O debate em torno da divisão do Pará para a criação dos novos estados de Tapajós e Carajás desperta paixões e rancores políticos regionais. O desmembramento do Estado do Pará, possibilitaria ter um governo, judiciário e educação mais próximos, em vez de a 1000 quilômetros de distância.

O plebiscito ocorrido no final de 2011, abarcou duas questões: a primeira sobre a criação ou não do estado de Carajás, e a segunda sobre o estado de Tapajós, o que geraria duas novas capitais, dividindo melhor a distribuição e arrecadação, o que poderia beneficiar muito o povo sofrido e esquecido, que vive longe da capital, de onde as verbas do Estado que chegam são migalhas.

2.4.1 - A fragmentação do território

Até a década de 80, o sul e sudeste paraenses eram compostos apenas por 4 municípios. Passados quase 40 anos, temos 39 municípios. Primeiro, a fragmentação do território nasce devido ao tamanho do estado do Pará e também da distância e abandono dessas regiões. Essa distância e abandono da capital Belém faz com que se tenha esse desejo de ter o estado mais perto, no caso o município, uma unidade da federação, mesmo que pequeno, mas perto dos problemas do povo que ali vive.

Segundo, temos as construções de estradas que criam toda uma rede de infraestrutura com a construção de novos municípios que demandam recursos e fazem os fluxos se movimentarem (dinheiro, mercadorias, pessoas).

O projeto Carajás quando chegou, trouxe toda uma infraestrutura como estradas, rodovias, ferrovias, portos e aeroportos. Então, a fragmentação do território tem haver com tudo isso e também com a busca por poder. É mais uma Câmara que tem que se criar, uma Prefeitura e Vice Prefeitura. As elites locais tentam controlar o poder e estão sempre associadas a um poder político mais central.

O poder local dos municípios estão sempre se articulando com o poder maior do estado ou nacional com os grandes “caciques” políticos. Então o município é também essa coisa do micro poder. A luta pela criação do Estado de Carajás entretanto não acabou, apesar de não ter vencido o plebiscito em 2011.

Há grupos se articulando nos bastidores da política, promovendo seminários e discussões. Em Marabá, a Comissão Brandão, tem como presidenta Magda Gobira que está à frente desse debate. Essa luta é muito atual, só que a questão mineral é extremamente presente.

Há também uma questão de contestado num território mapeado oficialmente e pertencente ao município de Marabá, mas que é totalmente organizado, controlado e gerido pelo município de Parauapebas, o que ocasiona problemas na rede escolar. Não sendo este, o único conflito de territórios entre municípios paraenses, que oficialmente são ligados à um e culturalmente à outro.

3- ESTRATÉGIAS DE ABORDAGEM

Pretendo como proposta estética da narrativa deste documentário, fazer uso de entrevistas, conversas informais e acompanhamentos de forma observativa, nos moldes do cinema direto (uso de câmera na mão ou no ombro), de forma a interferir o mínimo possível no cotidiano dos acampados, para que sejam capturados da maneira mais natural possível.

Convivi durante meses junto à comunidade, acampeei na Sede do INCRA, participei de algumas atividades festivas, reuniões de grupos, assembléias, manifestações nas rodovias ou em cidades do entorno do acampamento e nas datas importantes pro movimento (o “8 de março”, o “17 de abril” e o dia do “Grito pela Terra”) tendo assim, registros dessas ações.

Segundo Nichols, “o documentário performático sublinha a complexidade de nosso conhecimento do mundo ao enfatizar suas dimensões subjetivas e afetivas.”(NICHOLS, 2005).

Serão utilizados planos médios, primeiros planos e close-ups como enquadramentos nas entrevistas de procedimento directivo mais aberto. A pesquisa será retomada para acrescentar personagens, reafirmar alguns e descartar outros.

4 - ESTRUTURA

O documentário contará histórias, vivências e expectativas de pelo menos cinco personagens remanescentes e outros que se integraram depois, de forma não linear, intercalando suas narrativas com “insert” de filmagens colhidas em 2010, dia da ocupação, parte feita em ônibus e caminhões e outra parte numa caminhada de 18 quilômetros. Também haverá filmagens e fotos dos primeiros anos do acampamento e da visita do Frei Henri, seu patrono.

Com uma equipe pequena, o documentário será filmado com câmera digital, privilegiando o uso da luz natural. Inicialmente, planos gerais com movimentos suaves de câmera, dando espaço à contemplação das belezas das plantações e das labutas nas hortas, contrapondo com o perigo da estrada de trânsito intenso às margens do acampamento, que já ceifou a vida de um dos acampados.

Planos das ruazinhas de terra batida elevarão nosso olhar aos casebres, deparando-nos assim com nossa primeira personagem. Os enquadramentos irão dos planos mais abertos aos planos-detelhes que possam enriquecer a narrativa, a modulação das histórias, os silêncios e as elipses.

O desenho do som terá como referência principal a música concreta, que se utiliza de sons comuns do ambiente para criar o ritmo e a paisagem sonora. Propõe-se um jogo entre os

ruídos e os sons do ambiente a fim de encontrar, por meio da rítmica musical, ordem no que é caótico, como os ruídos no campo.

Wisnik (2009) se refere ao som como algo impalpável e invisível, o que lhe confere características de espírito, o som seria “ o elo comunicante do mundo material com o espiritual e invisível”. Com isso visa-se a aproximação do espectador e sua imersão na rotina campesina. Ao final, imagens dos vitimados pela violência no campo com nomes e datas aparecerão e apagarão na tela enquanto sobem os créditos.

5- FILMAGEM

As filmagens ocorrerão nos meses de dezembro de 2018 e janeiro de 2019, nas cidades de Canaã dos Carajás, Curionópolis, Eldorado de Carajás, Marabá e Parauapebas, todas no Estado do Pará. Minha equipe de trabalho será composta apenas por mulheres.

A Reforma Agrária sempre teve “uma dimensão feminina”. O documentário “Terra para Rose” de Tetê Moraes (1987) produzido durante Ocupação da Fazenda Annoni, e o outro feito dez anos depois, pela mesma diretora, me fizeram refletir acerca de mim mesma e do outro, o toque sensível que Tetê Moraes teve ao construir estes documentários, foi um dos vetores para a elaboração do meu próprio trabalho, que segue pelo mesmo viés, buscando trazer de forma sensível, uma luta do povo, que é de extrema importância e, numa luta onde mulheres sempre ocuparam papéis fundamentais, eu acredito que a melhor representatividade para isto, é a voz de outras mulheres.

6 - PLANILHAS DE ORÇAMENTO FÍSICO-FINANCEIRO

RESUMO DO ORÇAMENTO DE PRODUÇÃO DO DOCUMENTÁRIO "OUTRO OLHAR"

ITENS	DESCRIÇÃO DOS ITENS	TOTAL R\$
1	Desenvolvimento de Projeto/ pré-produção	000,00
2	Equipamentos	15.000,00
3	Custos de viagem (Carro + gasolina + pedágio)	12.000,00
4	Alimentação/Hospedagem	5.500,00
5	Produção/Filmagens (12 dias)	3.300,00
6	Pós-produção teaser-trailer	3.000,00

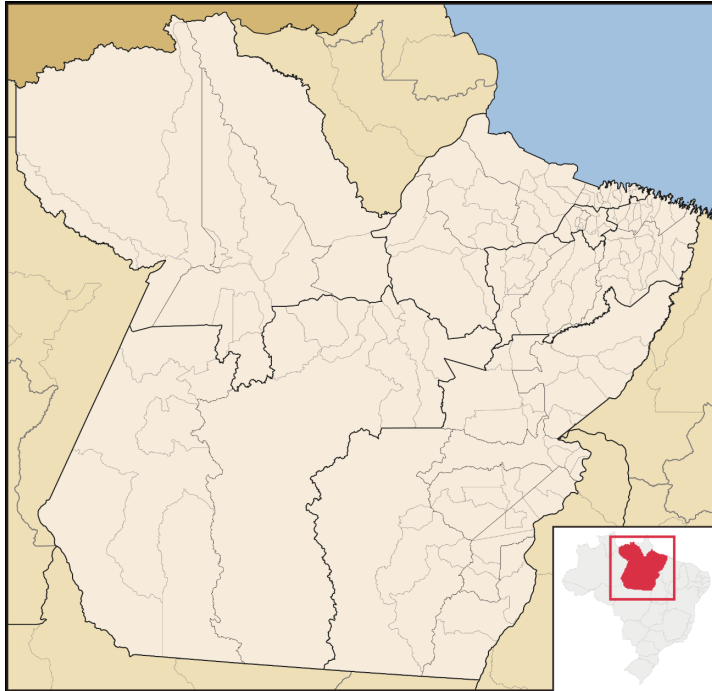
Total Geral R\$38.800,00

PLANO de FINANCIAMENTO

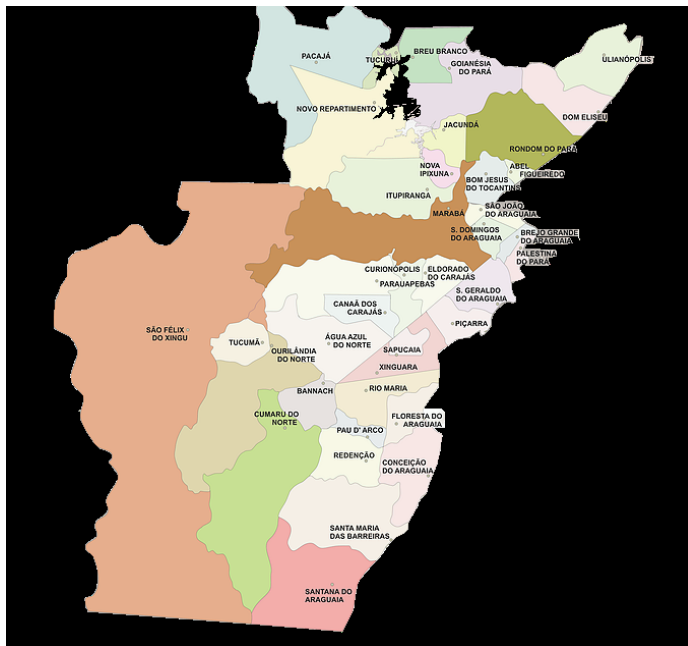
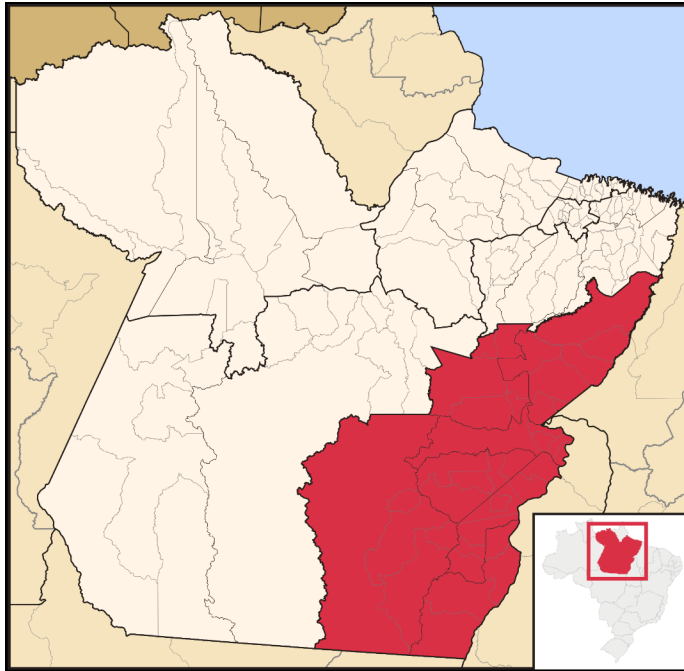
TOTAL DA PRODUÇÃO	% DO TOTAL GERAL	R\$
Recursos próprios (equipamentos próprios)	100%	38.800,00

7 - ANEXOS

Anexo I - As mesorregiões do Estado do Pará



Anexo II - As microrregiões do Estado do Pará

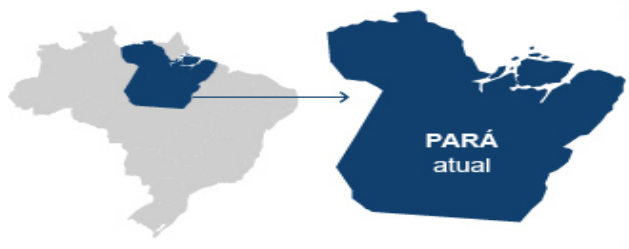


Anexo III - Sobre a divisão do Estado do Pará

Divisão do Pará

Confira principais características de cada um dos três estados, se for aprovada a divisão

Como é



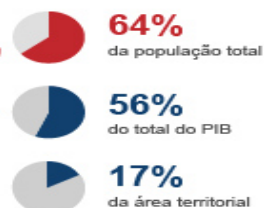
Área territorial (Km²)	1.247.950
Municípios	143 municípios
População	7,6 milhões de habitantes
Densidade demográfica	6,07 hab/km²
PIB	R\$ 58,52 bilhões
PIB per capita	R\$ 7.992,71

Como pode ficar



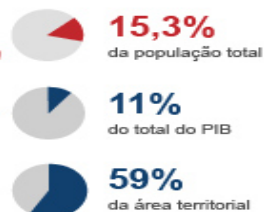
Pará

Área territorial (Km²)	218.776,40
Municípios	77
População	4,8 milhões de habitantes
Densidade demográfica	22,2 hab/ km²
PIB (R\$)	32,5 bilhões
PIB (%)	55,6
PIB per capita (R\$)	6.461,00
Indústria (R\$)	6,8 bilhões
Serviços (R\$)	20,2 bilhões
Saldo da balança comercial (US\$)	2,4 bilhões



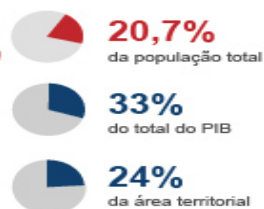
Tapajós

Área territorial (Km²)	732.509,50
Municípios	27
População	1,2 milhões de habitantes
Densidade demográfica	1,6 hab/ km²
PIB (R\$)	6,4 bilhões
PIB (%)	11%
PIB per capita (R\$)	4.960,00
Indústria (R\$)	1,6 bilhão
Serviços (R\$)	3,5 bilhões
Saldo da balança comercial (US\$)	0,6 bilhão



Carajás

Área territorial (Km²)	296.664,10
Municípios	39
População	1,6 milhões de habitantes
Densidade demográfica	5,3 hab/ km²
PIB (R\$)	19,6 bilhões
PIB (%)	33,5
PIB per capita (R\$)	10.496,00
Indústria (R\$)	10,8 bilhões
Serviços (R\$)	6,2 bilhões
Saldo da balança comercial (US\$)	8,7 bilhões

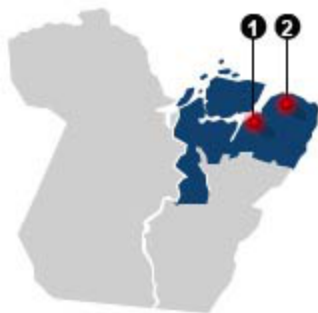


Anexo IV - Como se dividiria as riquezas do Estado do Pará

A economia dos estados

Como se dividirá a riqueza do Pará, caso o estado seja dividido em três

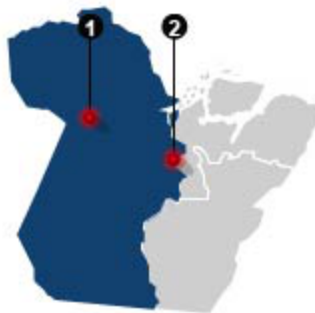
Pará



Destaques

- 1 Alumínio Brasileiro (Albras)
- 1 Alumina do Norte do Brasil (Alunorte)
- 2 Cimentos do Brasil (Cibrasa)

Tapajós



Destaques

- 1 Mineração Rio do Norte (MRN)
- 2 Usina Hidrelétrica de Belo Monte

Carajás



Destaques

- 1 Usina Hidrelétrica de Tucuruí
- 2 Vale
- 3 Companhia Siderúrgica do Pará (Cosipar)

Anexo V - Fotos do início do Acampamento - 2010



















8 - BIBLIOGRAFIA

- AMIEL, Vincent. Estética da montagem. Tradução de Carla Bogalheiro Gamboa. Lisboa: Texto & Grafia Ltda., 2010.
- AUMONT, Jacques. Marie, Michel. Dicionário teórico e crítico de cinema. Tradução de Eloísa Araújo Ribeiro. Campinas, SP: Papyrus, 2003.
- _____. As teorias dos cineastas. Tradução de Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papyrus, 2004.
- _____. (org.). A estética do filme. Tradução de Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papyrus, 1995.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. In: Walter Benjamin – obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues; Streck, Danilo Romeu (Org). (2006). Pesquisa participante: a partilha do saber. Aparecida, SP: Idéias & Letras.
- COELHO, Tádzio Peters. “A Questão Mineral no Brasil Vol.1: Projeto Grande Carajás – Trinta Anos de Desenvolvimento Frustrado” disponível em <http://mamnacional.org.br/files/2017/05/QM1-Projeto-Grandes-Caraj%C3%A1s.pdf>
- DA-RIN, Sílvio. Espelho partido: tradição e transformação do documentário. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2004.
- EISENSTEIN, Sergei. A forma do filme. Tradução de Teresa Ottoni. Rio de Janeiro: Zahar, 1990a.
- _____. O sentido do filme. Tradução de Teresa Ottoni. Rio de Janeiro: Zahar, 1990b.
- ESCOREL, Eduardo. A direção do olhar. In LABAKI, Amir; MOURÃO, Maria Dora. O cinema do real. São Paulo: Cosac & Naify, 2005.
- GOMES, Paulo Emílio Salles. Cinema: trajetória do subdesenvolvimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra/Embrafilme, 1980.
- LABAKI, Amir. É Tudo Verdade: reflexões sobre a cultura do documentário. São Paulo: Francis, 2005.
- _____. Introdução ao documentário brasileiro. São Paulo: Francis, 2006.
- LINS, Consuelo da Luz. O documentário de Eduardo Coutinho: televisão, cinema e vídeo. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- MARTINS, Simone Alves; MORENO, Gláucia de Sousa. Processos de Resistências no Sudeste do Pará: O Acampamento Frei Henri frente ao agronegócio”, cap. 11, páginas 236 e 237- IALA Amazônico 05/04/2018 - Iguana editorial.
- _____. Processos de Resistências no Sudeste do Pará: O Acampamento Frei Henri frente ao agronegócio, cap. 11, páginas 238 a 242- IALA Amazônico 05/04/2018 - Iguana editorial.

NAGIB, Lúcia. O cinema da retomada: depoimentos de 90 cineastas dos anos 90. São Paulo: Editora 34, 2002.

NEPOMUCENO, Eric. O Massacre - Eldorado dos Carajás: uma história de impunidade. Editora Planeta do Brasil, 2007

NICHOLS, Bill. Introdução ao documentário. Tradução de Mônica Saddy Martins. Campinas, SP: Papirus, 2005.

_____. A voz do documentário. In RAMOS, Fernão (org.). Teoria contemporânea do cinema. São Paulo: Editora Senac, 2008.

VANOYE, Francis; GOLIOT-LÉTÉ, Anne. O discurso Cinematográfico, a opacidade e a transparência. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

Wisnik, (org.) José Miguel. O som e o sentido. Uma outra história das músicas. São Paulo, Companhia das Letras, 1999, 285 pp.

Sites da internet e revistas/jornais eletrônicos¹¹:

https://www.wwf.org.br/natureza_brasileira/areas_prioritarias/amazonia1/ameacas_riscos_amazonia/desmatamento_na_amazonia/grilagem_na_amazonia/

<https://cptnacional.org.br/noticias/acervo/massacres-no-campo/110-para>

<https://jornalapatria.wordpress.com/2018/05/26/licao-de-solidariedade-mst-faz-comida-para-caminhoneiros/>

http://s.glbimg.com/jo/g1/f/original/2011/11/10/para_novosestados.jpg

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Par%C3%A1>

¹¹ Todos acessados no período de 01 de maio a 05 de julho de 2018.